

FELICIDADE TEM COR? CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA

SILVA, Felipe Pereira da.
(PPGLI/UEPB)

SILVA, Andréa Marques da.
(PPGLI/UEPB)

BEZERRA, Rosilda Alves.
(Orientadora – PPGLI/UEPB)

RESUMO: A sociedade contemporânea tem exigido dos indivíduos que a compõem a revisão de muitos conceitos e pré-conceitos, em especial aqueles voltados para o entendimento de aspectos étnicos e culturais. Para que isso ocorra é indispensável a construção de uma identidade étnica e cultural consciente. O presente trabalho objetiva analisar o livro Felicidade não tem cor de Júlio Emílio Braz sob o enfoque de reflexões acerca de uma identidade étnica que busque investigar de que modo os conceitos constituídos em torno da identidade negra criam formas de romper com estereótipos e preconceitos raciais ainda existentes. Inicialmente, faremos uma breve explanação sobre a história da literatura infanto-juvenil brasileira com base em Gregorin Filho (2009), Lajolo & Zilberman (2006), Hunt (2010) e Zilberman (2005) dentre outros, em seguida analisaremos as tendências atuais com enfoque em livros que buscam romper com estereótipos e preconceitos raciais e apresentam conteúdo mais próximo de uma realidade plurirracial e multicultural.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; Identidade; Desconstrução do Estereótipo.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem exigido dos indivíduos que a compõem a revisão de muitos conceitos e pré-conceitos, em especial aqueles voltados para o entendimento de aspectos étnicos e culturais. Para que isso ocorra é indispensável a construção de uma identidade étnica e cultural consciente e livre dos estereótipos habituais atribuídos pela sociedade elitista e preconceituosa em que estamos inseridos. Nessa perspectiva, a inclusão de obras da literatura infanto-juvenil que abordem a temática da cultura africana e afro-brasileira, bem como o reconhecimento do valor da mesma, nas escolas, pode contribuir para a formação de indivíduos conscientes, uma vez que irá propiciar a ampliação do conhecimento a respeito do tema, promovendo assim, além de aprendizagem, capacitação para a vida em sociedade com condições de compreender aspectos multiétnicos e multiculturais.

Inúmeras são as formas de preconceitos enfrentadas por crianças, jovens e adultos na sociedade contemporânea. Por mais que as ideias tenham evoluído e se proclame a ideologia de uma sociedade igualitária, o preconceito e a ideia de diferença permanecem e, conseqüentemente, fazem suas vítimas e deixam suas marcas bem acentuadas. Basta ler os

noticiários ou ouvir reportagens no rádio ou assistir ao telejornal que nos deparamos com essa realidade. O preconceito existe sim e ganha proporções ainda maiores, pois extrapola a dimensão de raça/cor/etnia e adentra a cultura, religião, sexo (orientação sexual) e assim por diante.

A formação de indivíduos capazes de vencer esses preconceitos e discriminações na esfera social se faz mais que urgente, mas essencial. Considerando que, muitas vezes, o ato preconceituoso e discriminatório resulta da falta de conhecimento sobre o que se apresenta como “diferente”, entendemos com Hall (2006) que o processo de construção da identidade étnica e cultural estão relacionados a aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais que precisam ser compreendidos.

Dessa forma, este trabalho, objetiva analisar o livro “Felicidade não tem cor” de Júlio Emílio Braz sob o enfoque de reflexões acerca de uma identidade étnica e busca investigar de que modo os conceitos constituídos em torno da identidade negra criam formas de romper com estereótipos e preconceitos raciais ainda existentes na sociedade atual. Inicialmente, faremos uma breve explanação sobre a história da literatura infanto-juvenil brasileira com base em Coelho (1993), Cadermatori (2006), Gregorin Filho (2009), Lajolo (2006), Hunt (2010) e Zilberman (2005) que fazem esse enfoque histórico do gênero e sinalizam para sua evolução; em seguida analisaremos as tendências atuais com enfoque em livros que buscam romper com estereótipos e preconceitos raciais e apresentam conteúdo mais próximo de uma realidade plurirracial e multicultural.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL: PERSPECTIVAS ANTIGAS E ATUAIS

Entende-se por literatura infanto-juvenil o conjunto de obras produzidas por adultos e destinadas a crianças e jovens que, especificamente, no Brasil surgiu com fins pedagógicos baseadas num modelo de infância e educação específicos de uma época. Tal ideia levou e ainda leva alguns estudiosos a afirmar que, em sua origem a literatura infanto-juvenil, era um gênero didático e não literário (COELHO, 1993; CADERMATORI, 2006; CAVALCANTI, 2000).

Atualmente, busca-se compreendê-la enquanto gênero especificamente literário e como literatura de fato, e não apenas parte dela. O que nos leva a enxergar os termos “literatura”, “infantil” e “juvenil” que constituem a denominação do gênero não em relação de oposição que lhe confeririam um caráter de menos valor ou inferior em relação ao cânone

literário tradicional, mas numa relação de completude e complementaridade que lhe especifica o público a que se destina ou tema que trata, no caso, crianças e jovens.

Então, a literatura infanto-juvenil não é assim chamada por ser produzida por crianças, adolescentes e jovens, mas por ser a eles destinadas. Mais que um gênero literário, ela é um estilo visto que, no fazer literário envolve diversos fatores concernentes à sua produção e destino. Embora saibamos que, no início, inúmeros livros que hoje são considerados clássicos pertencentes a esse gênero não foram escritos para o público infanto-juvenil. No cenário brasileiro, essa modalidade literária é relativamente nova, bem como as pesquisas na área, em sua maioria fogem ao campo literário e adentram a área da educação e do ensino, conforme palavras de Hunt (2010, p. 14) que afirma que as pesquisas voltadas a esse campo “*são relativamente novas no mundo literário; ambas se encontram nos limites da academia; ambas são particularmente importantes para os estudos literários*”.

Sua origem encontra-se na literatura didática ou escolar. No final do século XIX e início do século XX, professores preocupados com a forma de transmitir a seus alunos valores morais e sociais vigentes na sociedade da época e necessários à manutenção do modelo político e social em voga, começaram a produzir textos (didáticos) para atender essa transmissão de forma agradável e prazerosa, “*(...) os livros para crianças estavam em grande parte nas mãos de bibliotecários e professores, que julgavam ser deles a tarefa de indicar os ‘melhores’*” (HUNT, 2010 p. 13) o que com certeza reforçava o caráter didático/pedagógico conferido à literatura infanto-juvenil.

Entretanto, vale salientar que, para compreender a literatura destinada para crianças e adolescentes e a sua contribuição na formação de uma identidade do indivíduo livre de preconceitos e estereótipos, faz-se antes necessário, compreender que o conceito de infância e de literatura, para essa fase de desenvolvimento, vem sendo construído histórica e socialmente por meio dos fazeres e saberes da humanidade. Num primeiro momento da história da literatura, apenas as crianças das classes mais altas, com maior poder aquisitivo tinham acesso à leitura de livros. Aos pobres e menos favorecidos (negros, por exemplo) restava o contato com a literatura oral e que circulava entre os adultos, mantida e repassada pela tradição cultural (folclore) de seu povo. E, mesmo no caso da cultura escrita, era uma literatura para adultos, lida por crianças (GREGORIN FILHO, 2009).

No que se refere aos personagens das histórias, os primeiros momentos da literatura infanto-juvenil brasileira foram marcados por uma formação basicamente, eurocêntrica, com

pouco ou nenhuma presença de negros nas histórias. E quando eles apareciam eram retratados como personagens estereotipados, deixados à margem da sociedade, descritos a partir de referências culturais, marcadas por um etnocentrismo europeu.

O século XX foi um período em que ocorrem inúmeras mudanças na estrutura da sociedade brasileira, mudanças essas que desencadearam dentre outras coisas, o surgimento de uma nova classe social denominada burguesia, bem como a estruturação de uma nova ideologia de vida o capitalismo. Segundo Zilberman (2005) é neste cenário que começa a se desenvolver a literatura infantil brasileira enquanto gênero literário. A Revolução Industrial originou um novo tipo de sociedade, uma nova família que passou a se preocupar mais com a educação e a formação de suas crianças e jovens, antes considerados apenas como miniaturas de adultos.

Muitos estudiosos da literatura infanto-juvenil brasileira, tais como Coelho (1993) apontam Monteiro Lobato como o precursor desse estilo ou gênero literário em nosso país. Seu estilo inovador, em que dá asas à imaginação das crianças tornando-as seres pensantes, criativos, questionadores e dotados de vontades e opiniões próprias, toma conta do cenário da época. Observa-se na obra do autor uma humanização da criança a partir dos personagens por ele criados.

Por outro lado, percebe-se em sua obra uma estereotipação do negro extremamente evidente. O negro na obra de Monteiro Lobato é representado, na maioria das vezes, como um animal selvagem ou um ser resignado a esse respeito Castilho (2004, p. 09) afirma que

Esse processo de discriminação pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”, por outro lado, pode subestimar estigmatizar e em muitos casos fragmentar a autoestima da criança negra.

O fato é essa atitude que pode comprometer a formação da identidade tanto de crianças negras como brancas, uma vez que gera a uma o sentimento de inferioridade e a outra o de superioridade com relação à primeira. Como exemplo, podemos citar a Tia Nastácia, principal personagem negra do autor, que é descrita como “analfabeta”, sem cultura e chamada de “negra de estimação”, além de outros estereótipos a ela atribuídos em muitas passagens das histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. O que não quer dizer que não devemos considerar a importância da obra de Monteiro Lobato para a literatura ou afirma-lo enquanto

preconceituoso. Temos que reconhecê-lo enquanto sujeito histórico e inserido num determinado contexto.

No entanto, conforme palavras de Oliveira (2003, p. 55) “*as relações representam as “relações sociais”, conforme o ponto de vista do artista, e os personagens são os seres que possibilitam a leitura de tais relações*”. O que nos leva a entender que, mesmo reconhecendo a contribuição de Lobato para a afirmação do gênero literário infanto-juvenil em nosso país e as contribuições do mesmo para consolidação deste, os estereótipos por ele atribuídos ao personagem negro influenciaram a negação de uma identidade negra positiva dada a “relação de poder que emerge da obra literária” (OLIVEIRA, 2003 p. 55) e ainda “a literatura pode corroborar com ideais racistas e preconceituosos, dependendo de como se tece os personagens” (ibidem, p. 110) . Uma vez que, o negro em sua obra era visto como ser que vivia á margem da sociedade, inferior, serviçal. Em outras palavras, ainda prevalecia o modelo eurocêntrico de representação.

A ausência de personagens negros como protagonistas, sua marginalização e uma visão positiva de seu papel perduraram por muito tempo em nossa literatura infanto-juvenil. O que acarretou, de fato, sérias consequências no que concerne a formação de uma identidade negra positiva, uma vez que a literatura cria símbolos e atua diretamente no imaginário da criança. Essa fase da história do gênero contribuiu para a criação de uma realidade distorcida e formação de uma sociedade preconceituosa, fortalecendo a ideia de desigualdade entre as raças.

Vale salientar que, quando nos referimos a identidade nos baseamos no conceito de identidade do sujeito pós-moderno proposto por Hall (2006) que considera o ser enquanto sujeito individual e social, ou seja, parte de um todo. Assim, entendemos conforme Oliveira (2003, p. 123)

a identidade pessoal do sujeito não é algo fixo, pronto e acabado, mas como resultante de todo um processo de relação que se constrói com o outro no universo circundante. Tal relação é mediada, também, pela palavra escrita, e por meio da linguagem não verbal. Tais linguagens são tecidas na obra literária e contribuem para o leitor (re) criar o seu universo interior e exterior.

Torna-se, assim, a literatura infanto-juvenil forte aliada no processo de construção dessa identidade, no que tange a influencia que exerce sobre o imaginário da criança.

É a partir da década de 1980 que esse quadro começa a mudar e surge uma nova geração de autores e obras produzidas que rompe com a visão estereotipada que tínhamos até então.

FELICIDADE NÃO TEM COR E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA AFIRMATIVA

Na atualidade têm se tornando cada vez mais frequente a presença da cultura africana em obras da literatura infanto-juvenil. Os negros que antes eram rebaixados ao papel secundário hoje são protagonistas das histórias e têm seu valor reconhecido e valorizado. Quer seja esse no âmbito cultural, quer seja na contribuição com a formação de nosso povo. E tal realidade, tem contribuído com a formação da identidade negra de crianças afrodescendentes, uma vez que, ao terem contato com essas obras não terão acesso a um mundo que desvaloriza ou minimiza o negro, mas que o enaltece e reconhece seu valor e papel na sociedade.

Neste sentido, deparamo-nos com as obras produzidas por inúmeros autores da contemporaneidade que estão atentos a essa necessidade de abordar temas que contribuam com a reflexão de crianças, adolescentes e jovens, dentre os quais podemos citar Júlio Emílio Braz autor de títulos como “Crianças na escuridão”, “Na cor da pele”, “Olhando para o outro lado”, “Na selva do asfalto”, “Pretinha, eu?”, “Quem me dera ser feliz”, “Lendas Negras”, “Cinco fábulas de África”, “Griot”, “Uma pequena lição de liberdade”, “Sikulume e outros contos africanos”, “Felicidade não tem cor”, dentre outros. Tais livros versam acerca da temática do preconceito de cor e da desigualdade trazida como consequência deste. Enfrentado por crianças e adolescentes, o preconceito, gera nesses indivíduos a negação de sua própria identidade. Podemos comprovar tais afirmações no trecho da obra “Felicidade não tem cor” em que observamos todo o drama vivido por Fael, protagonista do texto, que sofre com o preconceito e o *bullying* “*Eu queria ser branco. Se eu fosse branco, ia ser diferente. Todo mundo ia gostar da gente. Eu já falei pro meu pai que o Michael Jackson sabe como a gente faz isso. [...] agora que ele é branco todo mundo gosta dele*” (BRAZ, 2002 p. 9). No trecho, observamos expressamente a negação da identidade por parte da personagem e o drama vivido por considerar sua condição de negro como um empecilho para ser feliz.

Júlio Emílio Braz é mineiro, nascido em Manhumirim (interior de Minas Gerais), em 16 de abril de 1959. Ainda criança se mudou com os pais para a cidade do Rio de Janeiro, onde estudou, cresceu e se formou em História, porém exerceu por pouco tempo a profissão

docente. Iniciou sua carreira na literatura escrevendo roteiros para histórias em quadrinhos para revistas de terror. Sua obra é marcada pelo enfoque a problemas sociais com uma linguagem fácil e interacionista. Alguns títulos de sua obra já foram publicados em diversas línguas e recebeu prêmios de destaque nacional e internacional, tais como o Jabuti, Austrian Children Book Award, na Áustria, pela versão alemã do livro “Crianças na escuridão” (Kinder im Dulkern) e o Blue Cobra Award, no Swiss Institute for Children’s Book.

Braz traz em seu fazer literário personagens negros (afro-brasileiros ou africanos) e suas múltiplas culturas e procura levar o leitor a uma reflexão, por meio dos questionamentos, inquietações e dilemas enfrentados por esses personagens, sobre a multiplicidade e diversidade de culturas que nos rodeiam, ou seja, uma reflexão sobre a multiculturalidade e interculturalidade a qual estamos inseridos. Contribuindo, assim, com a formação de uma identidade pluricultural edificada sob um viés de singularidade e individualidade de cada um.

A obra “Felicidade não tem cor”, aqui tratada, foi publicado pela Editora Moderna em 2002 e trás em seu enredo a história de Rafael (Fael), um menino negro que, por se sentir incomodado com os apelidos que recebia devido à cor de sua pele, nega sua identidade e resolve ficar branco. Em sua busca, decide procurar Cid Bandalheira, um locutor de rádio, na tentativa de que este lhe forneça o endereço do *pop star* Michael Jackson com o objetivo de descobrir o segredo para se tornar branco:

Como é que a gente fica branco? Vou perguntar ao Cid Bandalheira. Ele tem um programa na Rádio Roda-Viva e só toca musica do Michael Jackson. Ele Até já deu o endereço do Michael Jackson pra gente, mas eu perdi. Vou pedir pra ele de novo. Eu quero ser branco (BRAZ, 2002, p. 10).

A história é narrada por Maria Mariô, uma boneca de pano negra, igualmente rejeitada pelas crianças da escola pela mesma razão que o menino e que vive abandonada na caixa de brinquedos. Ao contrário do menino Fael, a boneca, não nega sua identidade e mesmo na rejeição se sente bem da forma que é, mas se faz solidária ao menino:

É, eu sabia muito bem o que ele estava sentindo. Fael era negrinho como eu. É, eu sabia muito bem pelo que ele estava passando. Também tinha lá meus problemas, coisas assim como passar quase o tempo inteiro comigo mesma, no fundo da caixa grande, vendo aquelas mãozinhas pegando as outras bonecas, as lourinhas e de bochechas vermelhinhas, deixando que eu ficasse mais e mais sozinha, pensando em como dói a solidão (BRAZ, 2002, p. 10).

Um traço marcante na narrativa é o fato de que quase todos os personagens do livro são tratados por “apelidos” que estão relacionados à suas características físicas (cor, estatura,

porte) ou comportamentais. Fael, personagem central da trama, só tem seu nome revelado real revelado (Rafael) na página 13, é quase todo o tempo tratado por apelidos pejorativos: “carvão”, “negão”, “Pelé”, “picolé de asfalto”, “macaco”, “anu”. Realidade vivida por inúmeras crianças negras que por conta da cor de sua pele são sempre chamadas por nomes que só servem para desqualifica-las.

É compreensível que, durante a infância, entre amigos da escola e até parentes mais próximos, as crianças desenvolvam o hábito de criar apelidos para denominar alguns indivíduos do seu convívio. Todavia, essa prática, quando abusiva, pode acarretar alguns traumas e firmar estigmas que irão acompanhá-las por toda a vida. A esse respeito Silva (1995, p. 14) afirma

No processo de socialização fora da família, o primeiro elemento de sua identidade, que o negro perde, é o nome. O sentido de inferioridade, a baixa estima, a falta de conhecimento das lutas, das conquistas e da resistência cotidiana de seu povo passam a contribuir com a construção de uma identidade negativa e a deixá-lo no lugar que os herdeiros da mentalidade escravocrata desejam que ele continue na escala da pirâmide social.

A autora alerta acerca da importância do nome e o significado que este exerce na formação da identidade de uma criança negra no processo de socialização fora do ambiente familiar, isto é, em sua convivência com seus pares. A negação de identidade individual e coletiva (de seu povo) começa a partir daí, na omissão do próprio nome.

O drama vivido por Fael não é diferente do drama enfrentado diariamente por crianças e adolescentes negros na nossa vida cotidiana. Seja na escola, na rua ou mesmo em casa, muitas são as vítimas do preconceito e da discriminação. E, por não terem sua identidade formada, sendo esta construída na coletividade, acabam por negar suas origens e aderir a uma negação de sua própria identidade. Se faz extremamente necessário que nossas crianças tenham acesso a obras da literatura que primam por esse aspecto: o da valorização do negro, e que mostrem seu lado positivo em nossa história, suas conquistas, a riqueza de sua cultura, uma vez que “essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade” (WOODWARD, 2009 p. 12).

Assumidamente negro, Júlio Emílio Braz, sofreu na pele parte dos dramas expressos em seus livros e encontrou na literatura uma forma de contribuir com a conscientização de crianças e jovens negros, vítimas do preconceito racial e da desigualdade social e ajudá-los a se reconhecerem enquanto cidadãos conscientes e dotados de direitos.

nunca me conformei com os livros lidos na minha infância e adolescência, que apequenava a participação do negro na História do Brasil, quando não a escondia [...] meu livro é um pequeno esforço para apresentar aspectos pouco conhecidos e até desconhecidos da trajetória do negro na História do Brasil. Claro, não me proponho a dizer tudo, mas eu o vejo como um minúsculo esforço para criar o interesse em todos os interessados no assunto, a começar pelos jovens afrodescendentes que ainda não conseguem se enxergar como parte constituinte deste País (BRAZ, 2010, p. 01).

Engana-se quem pensa que uma criança não é capaz de reconhecer a qualidade de uma determinada obra. Esse perfil de leitor, assim como os adultos, é movido a desafios, pelo surpreendente, pelo novo, que se presentifica nas histórias que leem. Somam-se a isso a sinceridade inerente às crianças e sua autenticidade. Sabemos, no entanto, que, isso só se realiza, de fato, se elas forem colocadas desde cedo em contato com os livros. Assim, o papel da família se torna decisivo para a formação leitora desse indivíduo. Cecília Meireles em seu livro *Problemas da Literatura Infantil* de 1979 já enfatizava que

Que as crianças gostam de histórias ricas de conteúdo humano, prova-o a escolha que têm feito, através dos tempos, entre livros tão variados. Que são sensíveis à arte literária, a certos requintes de técnica, basta ouvir-se o testemunho de alguns que recordam a infância. (MEIRELES, 1979, p. 32).

Uma literatura destinada a crianças não deve ser tratada de forma diferente ou com aspectos diferentes dos que são atribuídos a uma literatura para adultos, pelo contrário, ao se fazer isso estaremos desvinculando da literatura o que lhe é próprio. Dessa forma, o que a autora supracitada salientava há décadas atrás como um problema da sociedade vigente se torna ainda real e evidente em nossos dias.

Por outro lado, existem obras que em nada deixam a desejar em relação àquela que se destina ao público adulto. Seus escritores produzem sob o viés da intertextualidade, da metaficção, da retomada de textos considerados clássicos, através da paródia e da tradução. Muitas delas tratam de temas até então intocados, a exemplo da violência, das drogas, da morte, do preconceito. Podem até se valer de ilustrações, mas não como meros elementos decorativos, adornos, e sim como um aspecto fundamental na obra, que contribuirá, efetivamente, para a construção de sentidos que ela pode representar.

Portanto, obras que primam pela valorização dos socialmente excluídos, como no exemplo supracitado, contribuem para, dentre outras coisas, a elevação da autoestima e construção de uma identidade positiva nesses sujeitos. Vemos, então, que esse tipo de literatura dialoga com os traumas e serve de referencia para esses leitores que vivenciam condição semelhante. A partir do momento em que leituras dessa natureza servem para

modificar um pensamento atávico, de um indivíduo que se menospreza, a literatura infanto-juvenil cumpre o seu papel. Ancoramos o nosso pensamento nas palavras de Glissant (2005, p. 28-29), que diz

[...] somente uma poética da Relação, ou seja, um imaginário, que se permitirá “compreender” essas fases e essas implicações das situações dos povos no mundo de hoje, nos autorizará talvez a tentar sair do confinamento ao qual estamos confinados.

Comprovamos, então, que a função exercida pela literatura infanto-juvenil na contemporaneidade não pode se isentar dos problemas reais vividos pelo seu público alvo. Reiteramos que esse gênero literário deve fugir ao excessivo pedagogismo e psicologismo que há muito vem sendo discutido e trilhar novos caminhos e, que se consolide, de fato, como uma literatura engajada, mais real, social e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infanto-juvenil tem se mostrado nas últimas décadas um importante aliado, no combate à discriminação racial e ao preconceito. Não pretendemos com este trabalho excluir do cotidiano escolar as obras clássicas da nossa literatura brasileira, mas mostrar que, a literatura infanto-juvenil tem contribuído e cumprido o seu papel ao trazer a tona discussões dentro e fora da sala de aula sobre diferença, alteridade e, sobretudo, identidade.

Escritores como Júlio Emílio Braz, que tem se comprometido através de suas obras a promover esse tipo de debate, tem mudado a velha concepção de literatura infanto-juvenil que antes era vista como um gênero didático, feito com intuito de educar pedagogicamente os jovens e as crianças. No entanto, hoje a literatura infanto-juvenil um papel muito mais abrangente, visto que as obras recentemente produzidas para este público têm incorporado e tematizado questões muito mais profundas acerca das relações humanas e das diferenças.

O acesso a obras que abordem tal temática pode contribuir com o combate a estereotipação sofrida pelo negro no decorrer da história, pois sendo a literatura infanto-juvenil uma forma de linguagem, ela cria símbolos e rompe as barreiras, atuando diretamente no imaginário das crianças. Dessa forma, se configura como forte aliada na construção e afirmação de uma identidade negra positiva.

REFERÊNCIAS

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos).

CASTILHO, Suely Dulce. **A Representação do Negro na literatura Brasileira**. Novas Perspectivas, v.7 nº0, 2004b.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Ática, 1993.

GLISSANT, Edward. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de fora – MG: Editora UFJF, 2005.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: Múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Ed. rev. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Problemas na Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo Summus, 1979.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979 - 1989**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual o seu nome?** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Sites consultados

Entrevista com **Júlio Emílio Braz** disponível em: <http://roteiroquadrinhos.blogspot.com.br/2010/01/entrevista-com-julio-emilio-braz.html>
Acesso em 12/06/2014